

# Ulysses neutraliza fala de Sarney

Articulações durante todo o dia evitam a coleta de assinaturas

REJANE OLIVEIRA  
Da Editoria de Política

Primeiro foi o desastroso anúncio do aumento dos combustíveis, logo em seguida ao pronunciamento do presidente José Sarney. Depois, a competente articulação promovida ontem pelo deputado Ulysses Guimarães junto aos governadores, os líderes do seu partido e até integrantes do Centro Democrático. Ao final do dia, a conclusão de diversos políticos era de que a ofensiva desencadeada quarta-feira à noite pelo Presidente da República, em horário nobre e cadeia nacional de rádio e televisão, tinha sido completamente neutralizada.

Sarney começou a ser neutralizado por Ulysses, quando este tentou, com relativo sucesso, desestimular a coleta individual de assinaturas ao documento presidencial, iniciada ainda na noite de anteontem pelos chefes do Centro Democrático. Em telefonema ao deputado Carlos Sant'Anna, líder do Governo na Constituinte, o dirigente peemedebista procurou convencê-lo de que não obteria mais de trinta ou quarenta subscrições se insistisse em passar por cima da cúpula partidária. O resultado da conversa não tardou: pouco depois, surgiu como alternativa aos que se "constrangessem" a assinar o manifesto a remessa de telegrama de solidariedade ao Palácio do

Planalto.

De sua residência na Península dos Ministros, o deputado paulista não poupou ligações interurbanas para diversos estados. Fez questão de convocar pessoalmente os governadores para a reunião da Comissão Executiva Nacional do PMDB, antecipada para quarta-feira da próxima semana, porque naquele dia Ulysses ainda estará nas atuais funções — na quinta, ele assume interinamente a Presidência da República em substituição a Sarney, que viaja a Caracas.

Foi em seus contatos com os palácios estaduais que o dirigente peemedebista obteve sua segunda vitória sobre o presidente Sarney. A grande maioria dos governadores, segundo informações de um dos líderes do partido, é contra o apoio individual ao documento-compromisso e só pretende subscrevê-lo quando tiver sido respaldado formalmente pelos órgãos de direção partidária. Desta forma, pelo menos foi a argumentação utilizada por Ulysses, "se evitará a fragmentação do partido".

## BANCADAS

Antes de iniciar sua ofensiva junto aos governadores e o Centro Democrático, o deputado paulista tratou de se armar com números impressionantes. Reunido pela manhã com os líderes Fernando Henrique

Cardoso, Euclides Scalco e Luiz Henrique, certificou-se de que é insignificante a parcela da bancada disposta a aderir individualmente ao documento do Planalto.

O líder no Senado, por exemplo, informou que dezenove entre os vinte senadores reunidos na Semana passada comprometeram-se a só subscrever o manifesto após uma deliberação formal da direção partidária neste sentido. Ele está convencido de que este número passa dos trinta se considerado o total da bancada, que é de quarenta e cinco senadores.

Segundo o deputado Luiz Henrique, a situação na câmara é semelhante. Em suas reuniões com os vice-líderes e o eclético grupo de coordenadores de bancadas estaduais, ele obteve apoio unânime à tese de respaldo coletivo ao documento do governo. De membros do governista Centro Democrático até exaltados integrantes do esquerdista MUP, garantiu o deputado catarinense, todos concordaram em recusar apoios individuais.

De acordo com um dos participantes do encontro na casa de Ulysses, o presidente do PMDB teria arquivado definitivamente a ideia de aproveitar-se do documento de Sarney para fortalecer a fórmula presidencialista — que tem a sua preferência. Ele prefere conviver com a já inevitável introdução do parlamentarismo do que

enfraquecer-se politicamente através da fragmentação do partido. Só com o PMDB unido — é disto ele tem consciência — manterá seu papel de eminência parda do governo.

Se o Planalto espera flores da cúpula peemedebista, é bom preparar-se para o pior. O que ficou acertado durante o encontro de ontem entre o presidente e os líderes do partido é que a resposta ao documento e ao pronunciamento de Sarney deve ser protelada ao máximo. "A pressa não é nossa", garantiu um dos interlocutores de Ulysses Guimarães.

Segundo esta mesma fonte, não chegou a ser definida em detalhes a fórmula a ser utilizada para adiar a decisão partidária. O mais provável, contudo, é que a Executiva Nacional opte por uma resposta evasiva, onde declarará apoio às questões programáticas incluídas no documento (combate à corrupção, realização de concursos públicos, etc), mas evitará posicionar-se a respeito dos temas mais polêmicos: duração do mandato presidencial e sistema de governo. A justificativa formal já está escolhida: como o órgão maior de deliberação peemedebista — a Convenção Nacional — delegou a decisão aos constituintes, a Executiva não tem poderes para decidir em sentido contrário. Desta forma, "cozinha-se" indefinidamente o Palácio do Planalto.

## Anúncio deixa o Presidente irritado

DILZE TEIXEIRA  
Da Editoria de Política

"O presidente Sarney está tão agastado com o desastroso anúncio do aumento dos combustíveis, logo após o seu pronunciamento, que não se surpreenda se o presidente do Conselho Nacional do Petróleo (CNP), general França Domingues, cair nas próximas horas". O comentário é de uma fonte credenciada do Palácio do Planalto, que acompanhou ontem Sarney na viagem a Natal para o lançamento do foguete espacial, na Barreira do Inferno. A situação demonstra bem o grau de irritação do Governo com o fa-

to.

"A gente fica aqui queimando as pestanas, trabalhando como loucos para tudo dar certo. O presidente dedicando tempo quase integral para fazer um bom pronunciamento e vem um incompetente desses e, em questões de segundos, põe tudo por terra", desabafou, irritado, um dos assessores de Sarney, que trabalhou "como um desesperado", segundo ele próprio declarou, nos preparativos para o pronunciamento.

### DUCHA FRIA

Segundo relato deste assessor, o Presidente ficou livido, com a inabilidade política do presidente do CNP — que é quem

escolhe o momento da divulgação dos aumentos dos combustíveis. "O anúncio foi absolutamente incompetente, do ponto de vista político, e funcionou como uma ducha fria, em toda a equipe envolvida na gravação do programa", confessou outro auxiliar do Presidente.

Ele revelou que o afastamento foi de tal ordem que o Presidente Sarney chegou a pensar numa fórmula capaz de compensar a população pela brutalidade do aumento. Há um consenso de que o aumento teria de ser inevitável, mas o que o Governo não perdoa é a forma desastrada como o anúncio foi feito: exata-

mente após o pronunciamento de Sarney.

Em determinado momento, o Palácio chegou a desconfiar que o anúncio poderia fazer parte de uma sabotagem do PFL, através do seu presidente de Honra, Aureliano Chaves, ministro das Minas e Energia. Mas, após averiguações, ficou constatado que a divulgação do aumento, autorizado na última terça-feira, foi da responsabilidade exclusiva do general França Domingues. O que ele pretendia, segundo justificou, era aproveitar a repercussão do discurso presidencial e minimizar o impacto do aumento dos combustíveis.